

EXPERIÊNCIA DE ATLETAS SURDOS EM COMPETIÇÃO: DESAFIOS COMUNICACIONAIS E ESTRATÉGIAS DE PARTICIPAÇÃO

*Glaysson Rhener Rocha*¹, *Mariana Dézinho*²
e *Márcia Aparecida Rodrigues Mateus*³

Resumo

Este estudo tem como objetivo analisar as experiências de atletas surdos em competições esportivas, com ênfase nas barreiras comunicacionais e nas estratégias de participação desenvolvidas nesses contextos. A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, articulando revisão bibliográfica no campo da Educação Física inclusiva e dos estudos surdos com dados empíricos obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas. O estudo fundamenta-se teoricamente em Quadros (2004), Strobel (2008), Skliar (2005), Mendes (2023), Ferreira (2016), entre outros que contribuíram para a discussão. Participaram do estudo dois atletas surdos, identificados por pseudônimos Cristiano (futebol) e Golias (ciclismo), garantindo-se o anonimato conforme os princípios éticos da pesquisa. Os resultados evidenciam que o esporte desempenha papel fundamental no desenvolvimento físico, emocional e social desses sujeitos, configurando-se como espaço de pertencimento e construção identitária. Entretanto, persistem barreiras estruturais, sobretudo no que se refere à acessibilidade comunicacional, marcadas pela ausência de intérpretes de Libras, pela predominância da oralidade e pelo despreparo de profissionais envolvidos nas competições. As falas dos participantes revelam experiências distintas, porém convergentes quanto às dificuldades enfrentadas, variando conforme a modalidade esportiva praticada. Além disso, observou-se que os atletas desenvolvem estratégias de enfrentamento, como atenção visual, antecipação de ações e uso de recursos alternativos de comunicação, evidenciando tanto autonomia quanto sobrecarga individual. Conclui-se que a inclusão no esporte ainda ocorre de forma parcial, demandando transformações estruturais que garantam equidade de participação, acessibilidade comunicacional e valorização das especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Palavras-chave: Surdez; Esporte; Inclusão; Acessibilidade comunicacional; Libras

¹Mestrando do Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação (PPGPE), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Naviraí, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: rocha.libras_navirai@hotmail.com.

²Doutora em Educação. Professora dos cursos de Letras Libras – Licenciatura e Bacharelado da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e professora de programas de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Dourados, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: marianadezinho@ufgd.edu.br.

³Doutora em Letras/Linguística. Professora do Magistério Superior da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Naviraí (UFMS/CPNV). Naviraí, Mato Grosso do Sul, Brasil. E-mail: marcia.mateus@ufms.br.

EXPERIENCES OF DEAF ATHLETES IN COMPETITION: COMMUNICATION CHALLENGES AND PARTICIPATION STRATEGIES

Abstract

This study aims to analyze the experiences of deaf athletes in sports competitions, with emphasis on communication barriers and participation strategies developed in these contexts. The research is qualitative and descriptive-interpretive in nature, combining a literature review in the field of inclusive Physical Education and Deaf Studies with empirical data obtained through semi-structured interviews. The study is theoretically grounded in Quadros (2004), Strobel (2008), Skliar (2005), Mendes (2023), Ferreira (2016), among others who contributed to the discussion. Two deaf athletes participated in the study, identified by the pseudonyms Cristiano (football) and Golias (cycling), with anonymity ensured in accordance with ethical research principles. The results show that sport plays a fundamental role in the physical, emotional, and social development of these subjects, serving as a space of belonging and identity construction. However, structural barriers persist, especially regarding communication accessibility, marked by the absence of Libras interpreters, the predominance of oral communication, and the lack of preparation of professionals involved in competitions. The participants' accounts reveal distinct yet convergent experiences regarding the difficulties faced, varying according to the sport practiced. In addition, the athletes develop coping strategies such as visual attention, anticipation of actions, and the use of alternative communication resources, demonstrating both autonomy and individual overload. It is concluded that inclusion in sport still occurs only partially and requires structural changes that ensure equitable participation, communication accessibility, and recognition of the linguistic and cultural specificities of the Deaf community.

Keywords: Deafness; Sport; Inclusion; Communication accessibility; Libras.

EXPERIENCIAS DE ATLETAS SORDOS EN COMPETICIÓN: DESAFÍOS COMUNICACIONALES Y ESTRATEGIAS DE PARTICIPACIÓN

Resumen

Este estudio tiene como objetivo analizar las experiencias de atletas sordos en competiciones deportivas, con énfasis en las barreras comunicacionales y en las estrategias de participación desarrolladas en estos contextos. La investigación se caracteriza como cualitativa, de naturaleza descriptivo-interpretativa, articulando una revisión bibliográfica en el campo de la Educación Física inclusiva y de los Estudios Sordos con datos empíricos obtenidos mediante entrevistas semiestructuradas. El estudio se fundamenta teóricamente en Quadros (2004), Strobel (2008), Skliar (2005), Mendes (2023), Ferreira (2016), entre otros

autores que contribuyeron a la discusión. Participaron dos atletas sordos, identificados con los seudónimos Cristiano (fútbol) y Golias (ciclismo), garantizándose el anonimato de acuerdo con los principios éticos de la investigación. Los resultados evidencian que el deporte desempeña un papel fundamental en el desarrollo físico, emocional y social de estos sujetos, configurándose como espacio de pertenencia y construcción identitaria. Sin embargo, persisten barreras estructurales, especialmente en lo referente a la accesibilidad comunicacional, marcadas por la ausencia de intérpretes de Libras, el predominio de la oralidad y la falta de preparación de los profesionales involucrados en las competencias. Los relatos de los participantes revelan experiencias distintas, aunque convergentes respecto de las dificultades enfrentadas, que varían según la modalidad deportiva practicada. Además, los atletas desarrollan estrategias de afrontamiento, como la atención visual, la anticipación de acciones y el uso de recursos alternativos de comunicación, evidenciando tanto autonomía como sobrecarga individual. Se concluye que la inclusión en el deporte todavía ocurre de forma parcial y requiere transformaciones estructurales que garanticen equidad de participación, accesibilidad comunicacional y valoración de las especificidades lingüísticas y culturales de la comunidad sorda.

Palabras clave: Sordera; Deporte; Inclusión; Accesibilidad comunicacional; Libras.

1. Introdução

O esporte constitui-se como uma prática social de grande relevância na vida dos sujeitos, abrangendo dimensões físicas, mentais e sociais. Para além da promoção da saúde e do bem-estar, o esporte favorece a construção de vínculos, o sentimento de pertencimento e a participação em diferentes espaços sociais. Nessa perspectiva, pode ser compreendido como uma importante ferramenta de inclusão, ao possibilitar a inserção de sujeitos historicamente marginalizados em contextos de visibilidade e interação. No caso das pessoas surdas, essa inclusão está diretamente relacionada ao reconhecimento de suas especificidades linguísticas e culturais, especialmente no que se refere ao uso da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como meio legítimo de comunicação e expressão.

Autores como Quadros (2004), Strobel (2008) e Skliar (2005) destacam que a língua de sinais não se configura apenas como um instrumento comunicacional, mas como elemento constitutivo da identidade e da cultura surda. Nesse sentido, a ausência de condições linguísticas adequadas em diferentes espaços sociais pode produzir barreiras que comprometem a participação desses sujeitos. No contexto esportivo, tais barreiras se evidenciam especialmente em situações de competição, nas quais a comunicação eficiente é fundamental para o desempenho, a integração e a segurança dos atletas. No

campo da Educação Física inclusiva, o esporte assume papel estratégico na promoção da equidade e da participação de sujeitos historicamente marginalizados, como as pessoas surdas.

No entanto, a inclusão de atletas surdos em competições esportivas ainda enfrenta desafios significativos, especialmente no que se refere à acessibilidade comunicacional. Embora a Língua Brasileira de Sinais (Libras) tenha sido reconhecida oficialmente no Brasil pela Lei nº 10.436/2002, sua efetivação nos contextos esportivos permanece limitada. A predominância da comunicação oral, aliada à ausência de intérpretes e à falta de preparo dos profissionais, evidencia um cenário de exclusão.

De acordo com Skliar (2005), a surdez não deve ser compreendida a partir de uma perspectiva deficitária, mas sim como uma diferença linguística e cultural. Nesse sentido, a centralidade da visualidade na experiência surda demanda reorganizações nos espaços sociais, incluindo o esporte. Entretanto, como apontam Ferreira (2016) e Mendes (2023), ainda há lacunas na formação de profissionais da Educação Física para atuação em contextos inclusivos. Diante desse cenário, emerge o seguinte problema de pesquisa: como atletas surdos vivenciam as competições esportivas em contextos marcados por barreiras comunicacionais?

Assim, o objetivo deste estudo é analisar as experiências de atletas surdos em competições esportivas, buscando compreender os desafios enfrentados, as estratégias desenvolvidas e as possibilidades de ampliação da inclusão.

Dessa forma, discutir a experiência de atletas surdos em competições implica problematizar os desafios comunicacionais enfrentados, bem como evidenciar as estratégias construídas por esses sujeitos para garantir sua participação. Ao mesmo tempo, torna-se fundamental refletir sobre a necessidade de práticas inclusivas que assegurem o acesso igualitário ao esporte, considerando a centralidade da Libras como condição para a efetiva inclusão e valorização da diferença linguística e cultural. Além disso, conforme destaca Andrade (2019), a formação de professores de Educação Física precisa contemplar práticas inclusivas que atendam às especificidades dos sujeitos surdos.

2. Esporte, surdez e inclusão: uma análise teórica

O esporte, enquanto prática social historicamente construída, pode atuar tanto como espaço de inclusão quanto de exclusão, dependendo das condições de acesso e participação oferecidas. No caso de pessoas surdas, sua inserção está diretamente relacionada à garantia de acessibilidade comunicacional e ao reconhecimento de suas especificidades linguísticas e culturais. Conforme Quadros (2004), a experiência surda é essencialmente visual, o que implica a necessidade de reorganização dos processos de ensino, aprendizagem e interação nos contextos educacionais e esportivos.

Nesse cenário, a ausência de adequações compromete significativamente a participação efetiva desses sujeitos. Ferreira (2016) destaca que as barreiras comunicacionais constituem um dos principais entraves na Educação Física, sobretudo em razão da ausência de domínio da Língua Brasileira de Sinais (Libras) por parte dos profissionais. De modo complementar, Skliar (2005) aponta que a centralidade da oralidade nos diferentes espaços sociais configura uma forma de exclusão simbólica, na medida em que privilegia sujeitos ouvintes e marginaliza outras formas de comunicação. A ausência de acessibilidade no esporte escolar também evidencia desigualdades estruturais que dificultam a participação de estudantes surdos, especialmente no que se refere à comunicação e ao acesso às informações durante as atividades (Batista, 2022).

Além disso, a formação docente ainda se mostra insuficiente para atender às demandas da inclusão, evidenciando fragilidades na preparação de professores para atuar em contextos diversos. Mendes (2023) ressalta a necessidade de políticas públicas mais efetivas que garantam não apenas o acesso, mas também a permanência qualificada dos estudantes surdos nas práticas corporais. Corroborando essa perspectiva, estudos apontam que professores ainda se sentem despreparados para atuar com estudantes surdos, evidenciando lacunas na formação inicial e continuada (Freitas, 2020). Assim, o esporte, que poderia se constituir como espaço de emancipação e desenvolvimento humano, muitas vezes reproduz desigualdades estruturais presentes na sociedade.

3. Metodologia

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza descritivo-interpretativa, articulando revisão bibliográfica no campo da Educação Física inclusiva e dos estudos surdos com dados empíricos obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas.

Para compreender essa realidade, foram entrevistados dois atletas surdos, identificados pelos pseudônimos Cristiano e Golias, preservando sua identidade conforme os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. A coleta de dados ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas, voltadas à compreensão das experiências esportivas, dos desafios comunicacionais e das estratégias de participação adotadas pelos atletas. As questões abordaram a trajetória esportiva, as formas de comunicação utilizadas durante as competições, as dificuldades na interação com atletas ouvintes e equipes técnicas, bem como estratégias de inclusão e permanência nesses espaços. O primeiro questionamento aos participantes foi que eles dissessem a "Idade? Há quanto tempo você pratica esporte? Qual modalidade?" As respostas foram as seguintes:

4. Resultados e discussões

4.1 Experiência dos atletas: entre inclusão e exclusão

A análise das entrevistas evidencia uma experiência marcada por ambivalência: ao mesmo tempo em que o esporte promove inclusão, também reproduz situações de exclusão.

31 anos.

Futebol, minha principal modalidade esportiva, que pratico em treinos e competições. Pratico esporte há 10 anos.

Pratico esporte há X anos, principalmente futebol, mas também treino outras atividades físicas para manter o condicionamento (Cristiano, 2026).

26 anos.

Ciclismo. 1 ano e poucos meses (treino de verdade) e mais 3 anos por saúde e lazer.

Modalidade XCM e XCO (Golias, 2026).

Essas questões permitem compreender a trajetória esportiva dos participantes e a relação construída com a modalidade praticada. Observa-se que Cristiano (2026) apresenta uma trajetória mais consolidada, com aproximadamente dez anos de envolvimento no esporte, tendo o futebol como modalidade principal. Sua participação contínua em treinos e competições, aliada à realização de atividades complementares para preparo físico, demonstra elevado comprometimento, evidenciando o esporte como elemento significativo de sua rotina e identidade.

Por outro lado, Golias (2026) apresenta uma trajetória mais recente no ciclismo competitivo. Ao distinguir a prática voltada ao treinamento daquela realizada por saúde e lazer, evidencia a transição para uma atuação mais sistematizada. A menção às modalidades XCM e XCO demonstra conhecimento técnico e inserção progressiva no esporte. Comparando os relatos, observa-se que ambos vivenciam o esporte de formas distintas, com diferentes níveis de experiência e objetivos.

Enquanto Cristiano (2026) possui uma trajetória mais longa e consolidada, Golias (2026) encontra-se em um processo de construção e especialização dentro da modalidade escolhida. Essa diversidade de percursos reforça a ideia de que o esporte, para sujeitos surdos, pode assumir múltiplos significados, variando entre saúde, lazer, socialização e alto rendimento.

Dessa forma, as respostas analisadas não apenas informam dados objetivos, como idade e tempo de prática, mas também revelam aspectos subjetivos relacionados ao engajamento, à motivação e à construção da

identidade esportiva. Tais elementos são fundamentais para compreender como o esporte se insere na vida desses atletas, contribuindo para seu desenvolvimento pessoal, social e cultural.

A segunda questão direcionada aos participantes foi: “Você já participou de competições? Quais? Como você se sente participando de competições?”

Sim, já participei de competições esportivas, como campeonatos e eventos esportivos, onde pude vivenciar diferentes experiências no esporte.

Me sinto feliz e motivado, porque gosto de competir e me desenvolver no esporte. Também me sinto desafiado, mas isso me ajuda a evoluir. Sinto-me realizado, pois o esporte faz parte da minha vida e contribui tanto para o meu desenvolvimento físico quanto mental (Cristiano, 2026).

Sim, já participei de competições em nível estadual e interno (cidade de Naviraí).

Desafio, experiência e aprendizado (Golias, 2026).

A participação em competições revela o nível de inserção dos atletas em espaços formais do esporte, enquanto os sentimentos expressos indicam dimensões subjetivas relacionadas ao pertencimento, reconhecimento e valorização nesses contextos. No entanto, essa valorização não ocorre de forma concreta, como evidenciado nas respostas à questão seguinte. A terceira questão: “Quais dificuldades você enfrenta durante as competições?” Os participantes responderam:

Já enfrentei dificuldades como comunicação com árbitros e organização... foi difícil entender informações rápidas (Cristiano, 2026).

Infelizmente não tem intérprete... sempre tem locutor, onde vou ouvir as informações? (Golias, 2026).

As dificuldades apontadas pelos atletas evidenciam as barreiras presentes no ambiente esportivo, especialmente aquelas de ordem comunicacional, que podem impactar diretamente o desempenho, a autonomia e a segurança dos sujeitos. A fala de Cristiano (2026) evidencia que a ausência de acessibilidade impacta diretamente momentos críticos da competição, nos quais a compreensão rápida de informações é essencial para o desempenho e segurança.

Já a fala de Golias (2026) traz uma reflexão ainda mais profunda. Ao questionar “onde vou ouvir as informações?”, o atleta explicita a lógica excludente presente nos eventos esportivos, estruturados predominantemente para sujeitos ouvintes.

De acordo com Skliar (2005), essa organização reforça a ideia do ouvinte como padrão, invisibilizando outras formas de comunicação, como a Língua de Sinais. Dessa forma, a exclusão não ocorre por incapacidade do sujeito surdo, mas pela ausência de adequações no ambiente.

Observa-se que as dificuldades relatadas não são casos isolados, mas indicam um padrão estrutural nos contextos esportivos. A ausência de intérpretes, a dependência exclusiva da comunicação oral e a falta de recursos visuais demonstram que ainda há uma grande distância entre as políticas de inclusão e sua efetivação na prática.

Embora o esporte tenha potencial inclusivo, ele ainda reproduz desigualdades quando não considera as especificidades dos atletas surdos. Nesse contexto, a adaptação de atividades esportivas constitui elemento essencial para garantir a participação de estudantes surdos, exigindo reorganização das práticas e uso de recursos visuais adequados (Barros, 2024). Isso evidencia a necessidade de mudanças, como: presença de intérpretes de Libras em competições; o uso de sinalizações visuais; capacitação de árbitros e organizadores, e adequação da comunicação institucional.

A quarta questão: "Como acontece a comunicação com o treinador? E com árbitros e outros atletas?", possibilita analisar as formas de mediação comunicacional estabelecidas no contexto esportivo, evidenciando a presença ou ausência de estratégias acessíveis e o papel da língua na construção das relações entre os sujeitos. Vejamos a fala dos entrevistados:

A comunicação com o treinador acontece por meio de sinais, gestos e demonstrações visuais. Em alguns momentos também usamos escrita ou apoio de colegas para facilitar o entendimento.

A comunicação com árbitros e outros atletas acontece por sinais, gestos e expressões visuais. Em alguns casos também uso escrita ou apoio de colegas para facilitar o entendimento durante a competição." (Cristiano, 2026).

Pelo WhatsApp.

Mímica e escrita (Golias, 2026).

A partir das falas, observa-se que a comunicação no contexto esportivo ocorre predominantemente por meio de estratégias visuais e alternativas, como gestos, mímicas, escrita e apoio de terceiros. No caso de Cristiano (2026), percebe-se uma organização mais diversificada, envolvendo múltiplos recursos para garantir a compreensão durante treinos e competições. Já Golias (2026) evidencia uma comunicação mais limitada, centrada no uso de tecnologias digitais, como o WhatsApp, e em formas básicas de interação presencial.

Esses elementos revelam a ausência de uma política estruturada de acessibilidade comunicacional, como a presença de intérpretes de Libras, o que pode comprometer a autonomia, a segurança e o desempenho dos atletas

surdos. O uso de tecnologias digitais, como aplicativos de mensagens, tem sido uma alternativa para minimizar barreiras comunicacionais, embora ainda não substitua políticas estruturadas de inclusão (Cruz, 2020). Dessa forma, a responsabilidade pela organização recai majoritariamente sobre os próprios atletas, reforçando barreiras à inclusão igualitária no esporte.

A seguir, trouxemos a quinta questão: “Já houve situações em que você não entendeu alguma orientação?”

Sim, já houve situações em que não entendi algumas orientações, principalmente quando a comunicação era rápida ou não estava totalmente clara. Nesses casos, procuro confirmar com sinais ou com ajuda de colegas (Cristiano, 2026).

Sim, já algumas vezes sobre o treino (Golias, 2026).

Os relatos de incompreensão revelam falhas no processo comunicativo, indicando situações de vulnerabilidade que podem comprometer não apenas o desempenho esportivo, mas também a participação do atleta surdo. A dificuldade em compreender orientações, especialmente em contextos dinâmicos como treinos e competições, demonstra a ausência de estratégias comunicacionais adequadas e inclusivas.

Além disso, observa-se que os atletas desenvolvem estratégias próprias para contornar essas barreiras, como a busca por confirmação com colegas ou o uso de sinais improvisados. No entanto, tais soluções são pontuais e não substituem a necessidade de uma comunicação acessível e estruturada. Esse cenário reforça a urgência da implementação de recursos, como intérpretes de Libras, uso de instruções visuais sistematizadas e formação dos profissionais envolvidos, de modo a garantir maior autonomia, segurança e equidade na prática esportiva para atletas surdos.

Quando questionados: “Você se sente incluído nas competições? Por quê?” A resposta de ambos foram:

Sim, me sinto incluído nas competições, porque consigo participar e interagir com os outros atletas (Cristiano, 2026).

Infelizmente, não tem intérprete, porque sempre tem locutor, onde vou ouvir as informações (Golias, 2026).

A percepção de inclusão ou exclusão expressa pelos atletas permite compreender como se configuram as práticas inclusivas no esporte, evidenciando que a inclusão não se restringe à presença física, mas envolve condições efetivas de participação. Observa-se um contraste significativo entre as falas dos participantes. Enquanto Cristiano (2026) associa a inclusão à possibilidade de interação e participação nas atividades, Golias (2026) evidencia

uma exclusão comunicacional, destacando a ausência de intérprete de Libras e a predominância de informações transmitidas de forma oral.

A fala de Cristiano (2026) revela uma percepção positiva do ambiente esportivo, na medida em que ele consegue estabelecer interações com outros atletas e participar das dinâmicas das competições. Esse aspecto sugere que, em determinados contextos, podem existir estratégias informais de comunicação ou adaptações que favorecem sua inclusão, mesmo que não institucionalizadas. Sua experiência indica que o sentimento de pertencimento está diretamente relacionado à possibilidade de se comunicar e de se fazer compreender dentro do espaço esportivo.

Em contrapartida, o relato de Golias (2026) evidencia uma barreira significativa no acesso à informação, elemento essencial para a participação plena em competições. A ausência de intérprete de Libras e a dependência exclusiva de locução oral demonstram uma limitação estrutural que compromete sua autonomia enquanto atleta. Nesse sentido, sua fala não aponta apenas uma dificuldade individual, mas revela uma falha sistêmica na organização dos eventos esportivos, que ainda não contemplam adequadamente a diversidade linguística dos participantes.

Esse contraste evidencia que a inclusão no esporte é vivenciada de maneiras distintas entre atletas surdos. Enquanto alguns desenvolvem estratégias para contornar barreiras, outros enfrentam obstáculos que comprometem sua participação. Isso reforça a necessidade de compreender a inclusão como um processo amplo, considerando as especificidades de cada sujeito e garantindo condições equitativas para todos.

Dessa forma, evidencia-se que a acessibilidade comunicacional constitui um elemento central para a efetivação da inclusão no contexto esportivo. A presença de intérpretes de Libras, a utilização de recursos visuais e a adaptação das estratégias de transmissão de informações configuram-se como medidas essenciais para garantir que atletas surdos tenham acesso pleno às orientações, regras e dinâmicas das competições. Na ausência dessas condições, o processo de inclusão tende a permanecer parcial e limitado, comprometendo a participação equitativa desses sujeitos (Skliar, 1998; Strobel, 2008). Assim, as falas dos participantes reforçam a importância de repensar as práticas organizacionais no esporte, destacando que a verdadeira inclusão não se resume ao acesso físico aos espaços, mas envolve o direito à comunicação, à informação e à participação em igualdade de condições.

Na questão sete: "O que poderia melhorar para os atletas surdos no esporte? Que estratégias você usa para participar melhor?" Vejamos o que relataram:

O que poderia melhorar é a comunicação nas competições e treinamentos, com mais apoio visual, intérpretes de Libras e maior preparo das equipes. Isso ajudaria na inclusão e no desempenho dos atletas surdos no esporte (Cristiano, 2026).

Uso estratégias como atenção visual, observação das demonstrações e comunicação por sinais para melhorar minha participação. Também procuro confirmar as informações quando não entendo algo (Cristiano, 2026).

Incentivo, estimulação e dar os exemplos (Golias, 2026).

Uso três estratégias principais: não forçar no começo, controlar o ritmo e guardar energia para a parte mais difícil da prova. (Golias, 2026).

As sugestões e estratégias apresentadas pelos atletas indicam caminhos para a construção de práticas mais inclusivas, além de revelar formas de resistência e adequação desenvolvidas pelos próprios sujeitos frente às barreiras enfrentadas. Observa-se que Cristiano (2026) enfatiza a necessidade de mudanças no contexto esportivo, especialmente no que se refere à acessibilidade comunicacional e à formação das equipes, evidenciando uma compreensão mais ampla da inclusão. Por outro lado, Golias (2026) destaca aspectos motivacionais e estratégias individuais de desempenho, voltadas ao controle físico e tático durante a prova.

A fala de Cristiano (2026) demonstra um olhar crítico sobre o ambiente esportivo, apontando elementos estruturais que ainda precisam ser aprimorados para garantir a participação efetiva de atletas surdos. Ao mencionar a importância do apoio visual, da presença de intérpretes de Libras e da preparação das equipes, ele evidencia que a inclusão depende de ações planejadas e do comprometimento coletivo. Sua resposta vai além da experiência individual, trazendo contribuições que podem beneficiar outros atletas na mesma condição.

Além disso, as estratégias utilizadas por Cristiano (2026) revelam um processo de adaptação contínua às limitações impostas pelo contexto. A valorização da atenção visual, da observação e da confirmação de informações indica um esforço constante para superar barreiras comunicacionais. Essas práticas demonstram autonomia e protagonismo, mas também evidenciam a necessidade de um ambiente mais acessível, no qual tais esforços não sejam a única alternativa para garantir a compreensão.

Já Golias (2026), ao destacar “incentivo, estimulação e dar os exemplos”, traz uma perspectiva mais voltada ao aspecto motivacional e social do esporte. Sua fala sugere que o encorajamento e a presença de referências positivas podem contribuir significativamente para a permanência e o engajamento de atletas surdos. Esse posicionamento evidencia a importância do apoio coletivo e da representatividade no fortalecimento da participação esportiva.

No que se refere às estratégias de participação, Golias (2026) apresenta uma abordagem centrada no desempenho físico e no planejamento da prova. Ao mencionar o controle do ritmo, a economia de energia e o cuidado no início da atividade, ele demonstra conhecimento técnico e consciência corporal, aspectos fundamentais para o rendimento no ciclismo. Diferentemente de

Cristiano (2026), suas estratégias não estão diretamente relacionadas à comunicação, mas sim à execução da atividade esportiva em si.

Essa diferença entre os relatos evidencia que os atletas surdos desenvolvem distintas estratégias para enfrentar os desafios do esporte. Enquanto alguns buscam superar barreiras comunicacionais, outros priorizam o aprimoramento técnico e físico. As falas reforçam a necessidade de articular acessibilidade e desenvolvimento esportivo, pois não basta garantir a participação, sendo fundamental promover condições que favoreçam o pleno desenvolvimento desses sujeitos. Nesse sentido, a construção de práticas inclusivas deve envolver adaptações, incentivo, formação e reconhecimento das especificidades dos atletas surdos, possibilitando uma inclusão mais efetiva e equitativa.

Quando indagados sobre: “Alguém te ajuda na comunicação?” As respostas foram:

Sim, algumas pessoas me ajudam na comunicação, como colegas de equipe e, às vezes, o treinador, utilizando sinais, gestos ou explicações visuais para facilitar o entendimento (Cristiano, 2026).

Sim, o meu treinador se comunica comigo por escrito (Golias, 2026).

A necessidade de mediação por terceiros evidencia a dependência de recursos externos para garantir a comunicação, podendo favorecer a participação, mas também limitar a autonomia do atleta. Observa-se que essa mediação ocorre de forma informal, dependendo do apoio de colegas e treinadores. Embora contribua para minimizar barreiras imediatas, não assegura acessibilidade contínua. A ausência de medidas estruturadas, como intérpretes de Libras e recursos visuais acessíveis, revela uma lacuna na inclusão, tornando necessário o desenvolvimento de estratégias que ampliem a autonomia dos atletas surdos e garantam condições equitativas de participação no contexto esportivo.

A fala de Cristiano (2026) demonstra que a comunicação ocorre de forma adaptada e compartilhada entre os membros da equipe. O uso de gestos, sinais e recursos visuais evidencia um esforço coletivo para garantir o entendimento e a participação do atleta surdo. Contudo, essa dinâmica revela que a inclusão ainda depende de iniciativas informais, sem uma estrutura institucional que a sustente.

No caso de Golias (2026), a comunicação por meio da escrita com o treinador aponta para uma estratégia mais direta, porém limitada em termos de agilidade e interação durante momentos que exigem respostas rápidas, como treinos e competições. Essa forma de comunicação, embora funcional, pode restringir a fluidez das orientações e impactar o desempenho em situações que demandam maior dinamismo. Comparando os dois relatos, observa-se que ambos os atletas contam com apoio, mas esse suporte ocorre de maneiras

distintas e igualmente insuficientes do ponto de vista da inclusão plena. Enquanto Cristiano (2026) depende de interações variadas com diferentes pessoas, Golias (2026) centraliza essa mediação no treinador, o que pode concentrar a responsabilidade e limitar outras possibilidades de comunicação no ambiente esportivo.

Esses elementos reforçam a importância de pensar a comunicação como um direito fundamental no esporte, especialmente para atletas surdos. A adoção de estratégias mais estruturadas, como a formação básica em Libras para equipes, o uso de tecnologias assistivas e a presença de profissionais qualificados, pode contribuir significativamente para ampliar a autonomia desses sujeitos, em consonância com os princípios da inclusão e da acessibilidade comunicacional (Sassaki, 1997; Mantoan, 2003).

Assim, as respostas evidenciam que, embora existam iniciativas de apoio, elas ainda são insuficientes para garantir uma inclusão efetiva. Torna-se necessário avançar para práticas mais sistematizadas, que não dependam exclusivamente de adaptações individuais, mas que estejam integradas às políticas e à organização das atividades esportivas (Skliar, 1998; Strobel, 2008).

Na questão nove: "Qual a importância do esporte na sua vida?" As falas evidenciam que o esporte ocupa um lugar central na vida desses sujeitos, não apenas como prática física, mas também como espaço de identidade, pertencimento e desenvolvimento pessoal. Vejamos a resposta dos entrevistados:

Sim, o esporte é muito importante na minha vida, porque me ajuda na saúde física e mental, além de me proporcionar convivência social, aprendizado e inclusão. Ele faz parte da minha rotina e me motiva a evoluir (Cristiano, 2026).

Com certeza, pela saúde, experiência, aprendizado e desafios (Golias, 2026).

Tanto o dizer de Cristiano (2026) quanto o de Golias (2026) demonstram que o esporte assume uma função que vai além do desempenho competitivo, contribuindo para aspectos emocionais e sociais dos atletas. Nesse sentido, é possível dialogar com Skliar (2005), ao compreender que o sujeito se constitui nas relações sociais e culturais. Para os atletas surdos, essa dimensão é significativa, pois o esporte representa um espaço de expressão e reconhecimento em uma sociedade que frequentemente os marginaliza. Além disso, atua como meio de inclusão social, promovendo autoestima, autonomia e qualidade de vida.

A fala de Cristiano (2026) evidencia uma relação mais ampla com o esporte, destacando benefícios físicos, impactos na saúde mental, convivência social e motivação pessoal. Já Golias (2026), de forma mais sintética, enfatiza aspectos como saúde, aprendizado e desafios, percebendo o esporte como um espaço de superação e crescimento pessoal.

Ambos os relatos revelam que o esporte funciona como um instrumento de transformação, possibilitando aos atletas surdos vivências que fortalecem sua identidade e ampliam suas oportunidades de participação social. Dessa forma, o esporte se consolida não apenas como prática corporal, mas como um importante meio de construção de sentidos e valorização das potencialidades desses sujeitos. Por fim, foi questionado: “O que mudou depois que você começou a competir?”

Depois que comecei a competir, houve mudanças positivas na minha vida, como melhora na disciplina, no condicionamento físico e na convivência social. Também aprendi a lidar melhor com desafios e a me comunicar mais no ambiente esportivo (Cristiano, 2026).

Aprendi a me acalmar, me controlar, ter mais paciência, enfrentar dificuldades e vencer desafios (Golias, 2026).

As transformações relatadas permitem identificar os efeitos do esporte na constituição do sujeito, evidenciando mudanças que podem envolver autoestima, autonomia, visibilidade social e processos de inclusão. Observa-se que o esporte assume um papel significativo não apenas no desenvolvimento físico, mas também na formação pessoal e social dos atletas. No caso de Cristiano (2026), destacam-se avanços relacionados à convivência social e à comunicação, indicando uma ampliação de sua participação nos espaços esportivos.

Já Golias (2026) enfatiza aspectos emocionais e comportamentais, como autocontrole e paciência, evidenciando o esporte como um espaço de aprendizado e superação. Assim, as experiências competitivas contribuem para o fortalecimento da identidade dos atletas surdos, ao mesmo tempo em que reforçam a importância de ambientes mais inclusivos, que potencializem esses ganhos e garantam condições equitativas de desenvolvimento.

Portanto, a inclusão de atletas surdos não deve se limitar a permitir sua participação, mas sim garantir condições equitativas de acesso, permanência e desempenho. Trata-se de reconhecer a diferença não como obstáculo, mas como elemento central na construção de práticas esportivas verdadeiramente inclusivas.

4.2 Entre silêncio e vozes: desafios e avanços no esporte inclusivo para surdos

Diante das barreiras enfrentadas, os atletas desenvolvem estratégias próprias para garantir sua participação, o que evidencia processos de reorganização e resistência. Cristiano (2026) destaca o uso de atenção visual, gestos e confirmação de informações, enquanto Golias (2026) enfatiza estratégias de planejamento e autonomia durante a prova. Tais práticas não

apenas revelam iniciativas individuais de enfrentamento, mas também expõem limitações estruturais no processo de inclusão esportiva. Nesse sentido, observa-se uma reconfiguração da participação baseada na visualidade, elemento central da experiência surda, conforme discutido por Quadros (2004), indicando que a inclusão ainda depende significativamente da capacidade adaptativa dos próprios sujeitos, e não de condições plenamente acessíveis.

No entanto, é importante destacar que tais estratégias não devem ser interpretadas apenas como habilidades individuais, mas como respostas a um contexto excludente. Ou seja, os atletas precisam desenvolver competências adicionais para compensar a ausência de acessibilidade. Nesse sentido, observa-se uma desigualdade, enquanto atletas ouvintes dependem predominantemente de instruções diretas, atletas surdos precisam antecipar ações, observar constantemente e criar formas alternativas de comunicação. Isso implica um esforço cognitivo e físico ampliado. Essa realidade reforça que a inclusão no esporte depende não apenas da presença dos sujeitos, mas da reorganização estrutural das práticas, garantindo acessibilidade comunicacional efetiva (Batista, 2022).

Conforme Strobel (2008), a cultura surda constrói formas próprias de interação, mas essas não devem ser utilizadas para justificar a ausência de políticas inclusivas. Mendes (2023) alerta que a valorização excessiva da responsabilidade individual de adaptação pode deslocar a responsabilidade das instituições. Assim, as estratégias identificadas revelam tanto autonomia quanto denúncia: evidenciam, por um lado, a capacidade de agência dos atletas e, por outro, as falhas estruturais do sistema esportivo.

A análise dos dados permite afirmar que a inclusão de atletas surdos no esporte ainda ocorre de forma limitada e desigual. Um dos principais problemas identificados é a ausência de acessibilidade comunicacional, evidenciada pela falta de intérpretes de Libras, pela predominância da comunicação oral e pela escassez de recursos visuais. Essa realidade compromete não apenas a participação, mas também a segurança e o desempenho dos atletas.

Além disso, as falas de Cristiano (2026) e Golias (2026) evidenciam que as barreiras enfrentadas não se restringem ao âmbito individual, mas estão relacionadas à forma como o esporte é estruturado. Tal constatação reforça a necessidade de uma mudança paradigmática, que reconheça a diferença como elemento constitutivo das práticas sociais.

Verifica-se, ainda, uma lacuna significativa na formação de profissionais de Educação Física, que, muitas vezes, não possuem preparo para atuar com a diversidade linguística. Conforme Mendes (2023), a formação inicial ainda não contempla, de maneira suficiente, a perspectiva inclusiva. Diante desse cenário, algumas implicações se tornam evidentes, como: a necessidade de intérpretes de Libras em competições; o uso de recursos visuais, como placas, sinais luminosos e instruções escritas; o investimento em formação continuada de profissionais; e a criação de políticas públicas específicas para o esporte inclusivo. Mais do que intervenções fragmentadas, faz-se necessária uma mudança que compreenda a diferença como parte constitutiva do esporte.

Dessa forma, torna-se fundamental investir na formação de profissionais capacitados em Libras, na implementação de políticas públicas inclusivas e na adoção de estratégias que priorizem a acessibilidade comunicacional. Somente assim será possível transformar o esporte em um espaço verdadeiramente democrático, no qual atletas surdos possam participar em igualdade de condições, sem que suas diferenças sejam convertidas em desvantagens.

5. Considerações finais

A presente pesquisa evidenciou que, embora o esporte possua potencial significativo como instrumento de inclusão social, sua concretização no contexto de atletas surdos ainda ocorre de maneira limitada e marcada por desigualdades estruturais. A análise teórica, aliada às experiências relatadas pelos atletas Cristiano (2026) e Golias (2026), permitiu compreender que as barreiras enfrentadas não se restringem ao âmbito individual, mas estão profundamente enraizadas na organização dos espaços esportivos, especialmente no que se refere à comunicação.

As falas dos participantes revelam que a ausência de acessibilidade comunicacional, como a inexistência de intérpretes de Libras e a predominância de informações transmitidas exclusivamente pela via oral compromete diretamente sua participação plena nas competições. Tal cenário reforça a crítica teórica de que a inclusão, muitas vezes, é tratada de forma superficial, sem considerar as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

Além disso, observou-se que, diante dessas limitações, os atletas desenvolvem estratégias próprias de enfrentamento, baseadas principalmente na visualidade e na antecipação das ações. Embora tais estratégias demonstrem autonomia e capacidade de resistência, elas também evidenciam a ausência de condições equitativas de participação, deslocando para o indivíduo uma responsabilidade que deveria ser assumida pelas instituições.

Dessa forma, conclui-se que a efetivação de uma inclusão verdadeira no esporte exige mudanças que vão além do acesso formal. É fundamental investir na formação de profissionais capacitados, na ampliação do uso da Língua Brasileira de Sinais e na implementação de recursos visuais que garantam a acessibilidade comunicacional. Somente a partir dessas transformações será possível promover um ambiente esportivo mais justo, democrático e inclusivo, no qual atletas surdos possam exercer de forma eficiente seu direito à participação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Fernanda. **Políticas de inclusão e formação de professores de Educação Física**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.

BARROS, Tatiane Almeida. **Adaptação de atividades esportivas para estudantes surdos**. São João del-Rei: Universidade Federal de São João del-Rei, 2024.

BATISTA, Rafael Nogueira. **Acessibilidade no esporte escolar para estudantes surdos**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2022.

BRASIL. Lei n.º 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 25 abr. 2002.

CRUZ, Máira da Rocha. Tecnologias digitais e ensino de Educação Física para surdos. **Revista Arqueiro**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 119-127, 2020. Disponível em: <https://www.ines.gov.br>. Acesso em: 04 abr. 2026.

FERREIRA, João Carlos Gomes. **Barreiras comunicacionais na Educação Física escolar para alunos surdos**. João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2016.

FREITAS, Daniel Alves. Percepções docentes sobre o ensino para estudantes surdos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 33, p. 1-22, 2020.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

MENDES, Paulo Carvalho. Formação docente e inclusão: o papel essencial da educação continuada para a efetivação da escola inclusiva. **Revista Prática Educativa, Memória e Oralidade**, Fortaleza, v. 5, p. e512602, 2023. DOI: 10.47149/pemo.v5.12602. Disponível em: <https://revistas.uece.br>. Acesso em: 23 abr. 2026.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SKLIAR, Carlos. **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos. **A diferença que nos constitui: discursos sobre a diferença na educação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre os surdos**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

Responsabilidade Editorial: Célia Regina de Carvalho.
Recebido em: 21 de agosto de 2026.
Aceito em: 14 de setembro de 2026.
Publicado em: 14 de setembro de 2026.